



“BICHA NÃO JOGAVA NO TIME DELES”: PROBLEMATIZANDO A MASCULINIDADE NORMALIZADORA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Leandro Teofilo de Brito¹

Resumo

Em diálogo com teorizações da filósofa feminista Judith Butler, problematizo os processos de identificação e significação da masculinidade na Educação Física escolar, através de relatos construídos por meio de entrevista narrativa com um jovem adolescente, estudante dos anos finais do ensino médio, autoidentificado como homossexual. O estudante, enquadrado como um corpo abjeto e em condição de precariedade no espaço escolar, enunciou, por meio da narrativa, o ambiente hostil vivenciado nas aulas de Educação Física, relatando que tanto a orientação homossexual, mas, principalmente, a performance de masculinidade dissidente à norma, se mostravam como a principal justificativa da subalternização do mesmo na escola.

Palavras-chave: Masculinidade. Performatividade. Educação Física escolar.

Introdução


As pesquisas que focalizaram a categoria masculinidade na Educação Física escolar, problematizaram a dominância do masculino nos espaços-tempos de aula, excluindo meninas nos contextos de aulas práticas mistas, assim como masculinidades tidas como subalternas, tais como meninos e jovens não habilidosos nas práticas esportivas ou apreendidos como homossexuais nos espaços de aula (SILVA; BOTELHO-GOMES; GOELLNER, 2008; PEREIRA, 2010; MORAES E SILVA; CÉSAR, 2012; BRITO; SANTOS, 2013; BRITO; LEITE, 2017; entre outros/as).

Neste trabalho, busco diálogo com teorizações da filósofa feminista Judith Butler, para problematizar a masculinidade no contexto da Educação Física escolar, discutindo os processos de identificação e significação do masculino na referida disciplina, através de relatos construídos por meio de entrevista narrativa com um jovem adolescente, estudante dos anos finais do ensino médio, autoidentificado como homossexual.

O gênero, nessa discussão proposta por Butler (2015), é nomeado como performativo: a contínua repetição do corpo por falas, atos e gestos que, com base nas normas da heterossexualidade reprodutora, busca enquadrar os sujeitos em modelos binários, coerentes e inteligíveis de sexo, gênero e desejo. Nesse processo de performatização do gênero nos

¹ Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Docente do Colégio Pedro II. E-mail: teofilo.leandro@gmail.com





corpos, a norma é reproduzida pela repetição, mas também é alterada, sendo citada com possibilidades – maiores ou menores - de deslocamentos, por ser um processo contingente e imprevisível.

Deste modo, aposto na produtividade de se pensar em infinitos sentidos – indo além da pluralidade e da multiplicidade de identidades - que possam ser atribuídos à masculinidade, em acordo com as proposições da teorização da performatividade de gênero. Ao apostar em incalculáveis identificações do masculino, através de performatizações cotidianas e/ou eventuais, distancio-me de qualquer compreensão estabilizada e essencialista de leitura sobre a categoria masculinidade. Por tal entendimento, situo as performatizações de masculinidade num jogo relacional de disputas, que permite repetições/deslocamentos de sentidos, reconhecendo possibilidades infinitas do “ser homem” nos diferentes contextos sociais, em particular nos cotidianos escolares.

Assim, o operador de pesquisa masculinidade normalizadora, proposto por Brito e Leite (2017) e Brito (2018), para as pesquisas sobre a categoria masculinidade com enfoque na Educação Física escolar e no campo do esporte, se mostra produtivo para o desenvolvimento das discussões que serão propostas neste trabalho. Articulado à noção de performatividade de gênero, nomeia as enunciações normalizadoras da masculinidade, ainda que, de forma instável e contingente, disputem significações do que se considera normal e anormal para os sentidos do masculino.

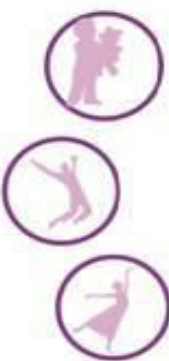
Metodologia

A narrativa que será problematizada, é parte da pesquisa de campo de minha tese de doutorado², que teve como tema central enunciações que abordaram a constituição das experiências de jovens adolescentes, que se identificavam como gays e bissexuais, nos espaços-tempos da escola e do esporte.

Para construção da proposta das narrativas, me baseio em Leonor Arfuch, cientista social argentina, que reconhece a entrevista narrativa como um dos múltiplos gêneros discursivos presentes nos métodos biográficos, pois esta articula “a particularidade da experiência e a impressão do coletivo, entre marcas de uma tradição e posições cambiantes de sujeito” (ARFUCH, 2010, p. 274). Deste modo, a autora defende como mais produtiva na operacionalização de entrevistas na pesquisa acadêmica, a incorporação de uma teoria de

² A tese de doutorado intitulada *Enunciações de masculinidade em narrativas de jovens atletas de voleibol: leituras em horizonte queer*, foi defendida em 2018 pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.





sujeito que considere seu caráter não essencial, seu posicionamento contingente e móvel nas diversas tramas em que a voz se torna significativa.

Dialogando com as proposição de Leonor Arfuch, também trago, nesta construção, a noção de experiência da historiadora feminista Joan Scott, para contestar uma fonte imediata de verdade advinda das vozes autorizadas dos sujeitos e do caráter naturalizado da experiência nas narrativas biográficas. Nesta discussão, Scott (1998) propõe que ao tornar visível a experiência de um grupo, através de seus relatos vivenciais, se coloque em evidência os processos históricos que, constituídos pelo discurso, posicionam os sujeitos na construção crítica de sua experiência, permitindo reflexões sobre a desconstrução de posições essencializadas e predeterminadas pela identidade, que, comumente, os sujeitos assumem nas pesquisas.

O diálogo entre pesquisador e sujeitos participantes é acionado pelas teorizações do filósofo russo Mikhail Bakhtin, pois a entrevista se dá na interação com o *outro*, em relação dialógica e alteritária, que permite reconhecer o encontro entre pesquisador e sujeito pesquisado como um acontecimento, no qual o diálogo é uma forma criativa e produtiva do *eu* se aproximar com suas palavras às palavras do *outro* (BAKHTIN, 2011).

Performances de masculinidade na Educação Física escolar

O jovem adolescente que entrevistei para a produção da narrativa de pesquisa, se apresenta com o nome fictício de *Rê*, tinha 19 anos, cor parda e cursava o terceiro ano do ensino médio em um colégio da rede estadual do Rio de Janeiro. No trecho que trago para discussão, *Rê* narra episódios vividos de hostilidade sobre sua orientação sexual e sobre sua performance de masculinidade dissonante à norma nas aulas de Educação Física:

Leandro: Como é que é a escola pra você com relação a sua orientação sexual?

Rê: Não é muito agradável não... por exemplo, na Educação Física mesmo... tenho um relato de homofobia sério, que rolou no primeiro ano...

Leandro: Foi mesmo? Pode me contar?

Rê: Acho que você sabe, porque é professor... escola do estado é tudo uma bagunça. Adianta tempo com turma cheia, junta tudo que é turma pra sair cedo, a quantidade de aluno é sempre maior e tudo mais. Daí teve uma turma fazendo Educação Física com a minha turma permanente. A gente passaria a ter aulas sempre juntos. Logo na primeira aula, os meninos dessa turma não me quiseram no time... fizeram chacota mesmo comigo, dizendo que bicha não jogava no time deles. Isso foi numa aula.

Leandro: Sim...

Rê: Na outra aula, esses mesmos meninos não permitiram eu entrar no banheiro pra me trocar, dizendo que viado não entrava no banheiro de homem. Eles estavam tomando banho, pelados, e eu não podia entrar lá. Eu nem ia tomar banho, ia só trocar o short. E na hora eu cobreí do professor uma atitude e ele não fez nada. Eu já falei, né... quando a gente se dá respeito, a gente é respeitado, né? Não faltei o respeito com ninguém ali e estava sendo super desrespeitado





Leandro: Sim

Rê: Nisso saí da aula, de short mesmo, e fui direto na secretaria falar com a direção. Fiz maior auê na escola, não permiti que aquilo acontecesse e ficasse do jeito que estava. Eu sempre fiz Educação Física com a minha turma e mesmo que tivessem meninos que não gostassem de mim, nunca aconteceu aquilo...

Leandro: Sim, claro... e como ficou a história?

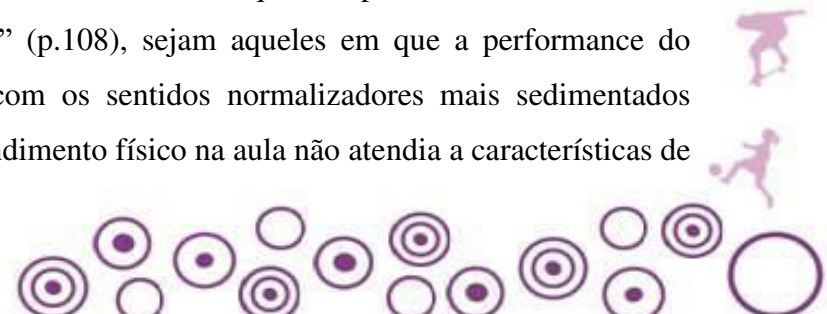
Rê: Então, o que aconteceu... a partir daí cortou as aulas juntos. A direção não permitiu mais e chamou atenção do professor, então mesmo com tempo vago, o professor foi obrigado a dar aula pras turmas em horários diferentes


O jovem adolescente relatou, inicialmente, que foi impedido pelos colegas de integrar uma equipe em uma prática esportiva e, na outra situação, proibido de entrar no vestiário pelos colegas, para trocar de roupa após a aula. As duas situações geraram revolta no jovem adolescente, que conta ter ido diretamente à direção da escola exigir alguma intervenção, uma vez que o professor da turma não se posicionava sobre o que ocorria constantemente nas aulas. Fica claro, na narrativa, o enquadramento de *Rê* como um corpo abjeto e em condição de precariedade nas aulas de Educação Física.

Nesta interpretação, o abjeto significa aquilo que foi expelido do corpo, descartado como um excremento ou um elemento estranho, algo que é considerado, de fato, o outro (BUTLER, 2015). A noção de abjeção destaca o caráter de exclusão e repulsa de corpos que não são reconhecidos e legitimados nos espaços sociais e, neste contexto, identificações de gênero e orientação sexual tidas como não inteligíveis e incoerentes com a premissa sexo, gênero e desejo, facilmente estão relacionadas à abjeção.

A noção de precariedade (BUTLER, 2016), diz respeito a condição politicamente induzida em que corpos se encontram mais suscetíveis e expostos à injúria, violência e vulnerabilidade, segundo marcadores corporais que promovem maior ou menor precariedade em vidas vivíveis. Nesta discussão, a orientação sexual que seja divergente da heterossexualidade e a performance de gênero fora das normas binárias, podem ser enquadradas em condição de precariedade nos diferentes contextos sociais.

Sobre o fato de ouvir dos colegas na aula de Educação Física que “bicha não jogava no time deles”, *Rê* enunciou em sua narrativa a forma como era subalternizado na aula, pela orientação homossexual e pela performance de masculinidade dissidente. Em pesquisa com discentes e docentes sobre a temática masculinidade nas aulas de Educação Física escolar, Moraes e Silva e César (2012) apontaram a marginalização de sujeitos não heteronormativos nas aulas, pois “os corpos, principalmente os masculinos, que escapam ao binarismo sexual também são tidos como problemáticos” (p.108), sejam aqueles em que a performance do masculino não se mostra condizente com os sentidos normalizadores mais sedimentados socialmente, sejam aqueles em que o rendimento físico na aula não atendia a características de






virilidade atribuídas à masculinidade normalizadora, tais como habilidade, força e resistência. No caso narrado por *Rê*, sua subalternização na escola, explicitada pelas aulas de Educação Física, ocorria devido à sua performance de masculinidade apreendida como abjeta e em condição de precarização, que, aprioristicamente, já o instituía como um estudante não legitimado às práticas das aulas.

Sobre o relato do vestiário, levantado também no diálogo com *Rê*, Sampaio (2015, p. 137) coloca que o banheiro público e sua divisão por sexo – no caso pela genitália - se mostra ambivalente, instalando ao mesmo tempo proximidade e fronteira em linha muito tênue entre intimidade e publicidade e, neste contexto, sujeitos não heteronormativos são incitados à “vergonha, humilhação e inferioridade” por terem seus corpos classificados em enquadramentos ininteligíveis e “que insistem em adentrar no espaço ‘errado’”. O autor também coloca que quando o fundamento biológico não atende mais a essa divisão, a performance de gênero entra como esquadramento de autorização: “Um menino ‘afeminado’ pode ser estigmatizado por confundir as fronteiras do gênero: é autorizado pela genitália a utilizar o banheiro masculino, mas por performatizar ‘traços’ femininos deveria também utilizar o banheiro feminino” (SAMPAIO, 2015, p. 139).

O enquadramento de *Rê*, como um corpo abjeto e em condição de precariedade no espaço escolar, enunciada pelo mesmo ao narrar o ambiente hostil vivenciado nas aulas de Educação Física, retrata que tanto a orientação homossexual, mas, principalmente, a performance de masculinidade dissidente à norma se mostravam como a principal justificativa da subalternização do estudante na escola. Ainda que houvesse resistências em seu relato, como ter cobrado do professor uma atitude sobre a segregação vivenciada nas aulas e a busca pela direção da escola na resolução do problema, ocorrendo alguma intervenção da instituição sobre a situação, sua precarização e abjeção como um sujeito não heteronormativo na escola, remete à reflexões profundas de como a diferença ainda é apreendida como sinônimo de desigualdade nos contextos escolares.

Deste modo, defendo como emergencial para o campo pedagógico da Educação Física escolar, a abordagem da diferença como parte de estratégias e ações educativas basilares. Tal medida, visa refletir sobre os variados processos pedagógicos escolares cotidianos, repensando os currículos e seus preceitos homogeneizadores, sexistas e heteronormativos, assim como mudanças efetivas sobre as formações inicial e continuada de professores/as, no que diz respeito à problematização da diferença, em particular, das questões de gênero e orientação sexual, conforme este trabalho visibilizou. Tais propostas podem contribuir, potencialmente, para que o direito à diferença seja reconhecido e respeitado como uma





condição básica nas relações humanas travadas nas escolas e valorizado como um aspecto pedagógico rico para problematização nas práticas cotidianas escolares da Educação Física.

Referências

ARFUCH, L. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRITO, L. T. **Enunciações de masculinidade em narrativas de jovens atletas de voleibol: leituras em horizonte queer**. 2018. 228f. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

BRITO, L. T.; SANTOS, M. P. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 235-246, abr./jun. 2013.

BRITO, L. T.; LEITE, M. S. Sobre masculinidades na Educação Física escolar: questões teóricas, horizontes políticos. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, p. 481-500, maio/ago. 2017.

BUTLER, J. Corpos que ainda importam. In: COLLING, L. (Org.). **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016, p.19-42.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015a.

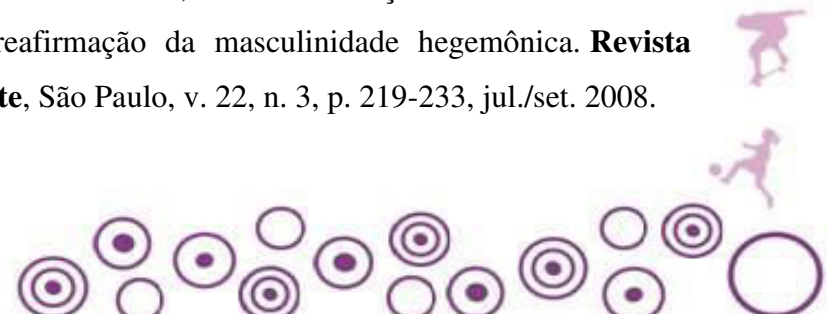
MORAES E SILVA, M.; CESAR, M. R. A. As masculinidades produzidas nas aulas de Educação Física: percepções docentes. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 39, p. 101-112, dez. 2012.

PEREIRA, E. G. B. O masculino na Educação Física infantil: discursos e imagens. **Revista Brasileira de Psicologia Aplicada ao Esporte e à Motricidade Humana**, São José do Rio Preto, v. 2, p. 74-78, 2010.

SAMPAIO, F. S. O terceiro banheiro: fuga da “pedagogia do insulto” e/ou reforço da heteronormatividade. **Periódicus**, Salvador, n. 3, v. 1, p. 131-151, maio/out. 2015.

SCOTT, J. A invisibilidade da experiência. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 16, p. 297-325, jan./jun. 1998.

SILVA, P.; BOTELHO-GOMES, P.; GOELLNER, S. V. Educação Física no sistema educativo português: um espaço de reafirmação da masculinidade hegemônica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 219-233, jul./set. 2008.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

